



## *Os Argonautas*, de Apolônio de Rodes, e a tradição literária

Thais Evangelista de Assis Caldas

Mestre – UFRJ

Orientadora: Profa. Doutora Nely Maria Pessanha (PROAERA -UFRJ)

### **Resumo**

O objetivo deste artigo é investigar a tradição poética da Grécia que diz respeito ao mito de Jasão e Medeia. Assim, será analisado o jogo intertextual entre a epopeia alexandrina – representada pela obra *Os Argonautas*, de Apolônio de Rodes – e as poesias homérica, hesiódica e pindárica e também a tragédia euripidiana *Medeia* e os idílios XIII e XXII de Teócrito

**Palavras-chave:** *Os Argonautas*, de Apolônio de Rodes; epopeia alexandrina; jogo intertextual.

### **Apollonius of Rhodes' Argonauts and literary tradition**

#### **Abstract**

The aim of this paper is to investigate the Greek poetic tradition of the myth of Jason and Medea. This paper also analyzes the intertextual relationships between the Alexandrian Epic – represented by Apollonius of Rhodes' *Argonauts* – and the Homeric poems, Hesiod and Pindar and also the Euripidean tragedy *Medea* and the idylls of Theocritus XIII and XXII.

**Keywords:** Apollonius of Rhodes' *Argonauts*; Alexandrian epic poems; intertextuality.

*Os Argonautas* pertence à tradição literária desenvolvida no período helenístico da literatura grega, mais precisamente no século III a.C. As informações que se tem sobre este período não nos permite uma conclusão exata a respeito da cronologia entre o poema de Apolônio de Rodes e as obras de seus contemporâneos como Calímaco e Teócrito. Muitas outras questões relativas ao próprio texto permanecem sem explicação, mas não se pode negar a importância da obra, o único poema épico extenso, do período alexandrino, que foi conservado, em sua totalidade, e que exerceu influência sobre autores gregos e latinos.

O poema possui cinco mil, oitocentos e trinta e cinco versos, divididos em quatro cantos, e narra a viagem atribulada de Jasão e os Argonautas, que se arriscam em território estrangeiro pela conquista do velocino de ouro.

A expedição liderada pelo Esonida foi imposta por seu tio Pélias, rei da Tessália, que, ao tomar conhecimento de um oráculo, segundo o qual seria subjugado por um homem que fosse visto saindo do mar calçado com uma só sandália e, ao descobrir a identidade deste homem - seu sobrinho -, preparou-lhe uma prova, cujo objetivo principal era provocar a morte do herói. Jasão foi encarregado de conquistar o velocino de ouro, fixado em um carvalho na Cólquida, façanha realizada, graças à intervenção de Medeia e suas artes mágicas.

A obra tem como antecedente uma antiga tradição de relatos que já se referiam à mítica e perigosa expedição liderada por Jasão e dialoga com poemas vários de outras épocas, tais como: a epopéia homérica, em especial a *Odisséia*, a *Quarta Pítica* de Píndaro, a tragédia *Medeia* de Eurípedes, e os Idílios XIII e XXII, de Teócrito. O assunto escolhido, segundo Manuel Pérez López (1991, p.21) seria favorável a um autor que se propõe assumir um compromisso entre a tradição e as novas formas de fazer poesia, em conformidade com os princípios do primeiro Helenismo:

Certamente, já na época de Apolônio existia um grande número de obras que havia tratado o tema e isso proporcionava ao poeta-filólogo a oportunidade de demonstrar sua erudição e conhecimento exaustivo de todos os tipos de fontes, assim como tomar partido por umas ou outras variantes.<sup>1</sup>

Também o próprio narrador, nos versos iniciais da obra (I, 18-19), atesta a antiguidade e a notoriedade do tema, quando afirma:

Νῆα μὲν οὖν οἱ πρόσθεν ἐπικλείουσιν αἰοῖδοι  
Ἄργον Ἀθηναίης καμείν ὑποθημοσύνησιν  
Os aedos de outrora ainda celebram Argos ter  
construído a nau, segundo os preceitos de Atena.

Na *Iliada*, VII, 467-469, há uma referência à chegada ao acampamento dos Aqueus de inúmeros navios carregados de vinho, enviados de Lemnos por Euneu, filho de Jasão e Hipsípila:

Νῆες δ' ἐκ Λήμνοιο παρέσταν οἴνοιν ἄγουσαι  
Πολλάι, τὰς προέηκεν Ἰησονίδες Εὐνηος,  
τὸν ῥ' ἔρεχ' Ὑψιπύλη ὑπ' Ἰήσωνι, ποιμένι λαῶν.

Muitas naus, trazendo vinho, chegaram de Lemnos,

---

<sup>1</sup> Seguramente ya en época de Apolonio existía un gran cúmulo de obras que había tratado el tema y ello proporcionaba al poeta-filólogo la oportunidad de demostrar su erudición y conocimiento exhaustivo de todo tipo de fuentes, así como tomar partido por unas u otras variantes.

as quais enviara o Esonida Euneu,  
filho que Hipsípila gerou com Jasão, pastor de povos.

Esta breve referência serve de base ao relato detalhado da obra de Apolônio sobre a estada dos Argonautas nesta ilha e o encontro amoroso entre o Esonida e a lemniense, no primeiro canto do poema (vv.607-914).

Na *Odisséia*, além da coincidência temática – a narrativa de uma viagem marítima perigosa – encontram-se alusões ao rei de Iolco e à nau Argo: No canto XI, 235-257, versos que correspondem à parte da narração da descida de Odisseu ao Hades, em que Pélias e Neleu são apresentados como filhos de Tiro e Poseidon, há um breve relato da concepção dos heróis, assim como do domínio ocupado por cada um: Pélias exercia o mando em Iolco, e Neleu, no solo arenoso de Pilos. No canto seguinte, Circe oferece instruções a Odisseu a respeito de sua viagem: Nos versos 59-69, informa da existência de rochas impossíveis de transpor, tanto pelos homens, quanto pelas aves:

τῆ μὲν τ' οὐδὲ ποτητὰ παρέρχεται οὐδὲ πέλειαι  
τρήρωνες, ταί τ' ἀμβροσίην Διὶ πατρὶ φέρουσιν,  
ἀλλὰ τε καὶ τῶν αἰὲν ἀφαρέϊται λῖς πέτρῃ·  
ἀλλ' ἄλλην ἐνίησι πατὴρ ἐναρίθμιον εἶναι. 65  
τῆ δ' οὐ πῶ τις νηὺς φύγεν ἀνδρῶν, ἢ τις ἴκηται,  
ἀλλὰ θ' ὁμοῦ πίνακός τε νεῶν καὶ σώματα φωτῶν  
κύμαθ' ἄλός φορέουσι πυρὸς τ' ὀλοοῖο θύελλαι.

Nenhuma das aves passa por ali, nem as tímidas  
pombas, que a ambrosia levam para Zeus pai;  
Sempre a lisa pedra detém uma delas;

outra, porém, o pai envia para completar o número; 65  
por ali, nunca escapou nau dos homens, que depois voltasse,  
mas, ondas do mar e tempestades de fogo destruidor  
levam as tábuas das naus e os corpos dos homens.

Em seguida (vv. 69-72) faz menção ao episódio narrado no canto II de *Os Argonautas*, nos versos 531-605, ao afirmar que Argo foi a única nau capaz de atravessar as temíveis rochas. O sucesso da travessia é atribuído a Hera, que servira de guia ao Esonida, devido a sua afeição ao herói:

οἷη δὲ κείνη γε παρέπλω ποντοπόρος νηῦς,  
'Αργὼ πᾶσι μέλουσα, παρ' Αἰήταιο πλέουσα. 70  
Καὶ νύ κε τὴν ἔνθα ὄκα βάλεν μεγάλας ποτὶ πέτρας,  
ἄλλ' Ἥρη παρέπεμψεν, ἐπεὶ φίλος ἦεν Ἰήσων.

Somente aquela nau, que percorre o mar, atravessou-as,  
Argo, de que todos se ocupam, vindo de Eetes. 70  
E ali seria, rapidamente, lançada contra as grandes rochas,  
mas Hera a conduziu, pois Jasão lhe era caro.

Referências a personagens do poema de Apolônio são também relatadas na *Teogonia* de Hesíodo. Nos versos 956-962 é apresentada a genealogia do rei Eetes e da princesa Medeia. Mais adiante (vv.992-1002) mencionam-se as provas executadas por Jasão e a união matrimonial deste com a filha de Eetes:

Κούρην δ' Αιήταο διοτρεφέος βασιλῆος  
 Αἰσονίδης βουλήσι θεῶν αἰειγενετᾶων  
 ἦγε παρ' Αἰήτεω, τελέσας ατονόεντας ἀέθλους,  
 τοὺς πολλοὺς ἐπέτελλε μέγας βασιλεὺς ὑπερήνωρ, 995  
 ὕβριστὴς Πελῆης καὶ ἀτάσθαλος ὄβριμοεργός  
 τοὺς τελέσας ἐς Ἴωλκὸν ἀφίκετο πολλὰ μογήσας  
 ὠκείης ἐπὶ νηὸς ἄγων ἐλικώπιδα κούρην  
 Αἰσονίδης, καὶ μιν θαλερὴν ποιήσατ' ἄκοιτιν.  
 Καί ρ' ἦ γε δμηθεῖσ' ὑπ' Ἰήσονι, ποιμένι λαῶν, 1000  
 Μήδειον τέκε παῖδα, τὸν οὔρεσιν ἔτρεφε Χείρων  
 Φιλλυρίδης μεγάλου δὲ Διὸς νόος ἐξετελεῖτο.

À filha do rei Eetes, nutrido por Zeus,  
 o Esonida, pelos desígnios dos deuses imortais,  
 levou-a de junto de Eetes, após ter cumprido provas funestas,  
 as muitas que o grande rei arrogante ordenou, 995  
 o insolente Pélias, presunçoso violento;  
 após cumpri-las, chegou a Iolcos, depois de muito penar,  
 conduzindo a virgem de olhos vivos em sua nau veloz  
 o Esonida, e tornou-a sua esposa vigorosa.  
 Ela, submetida a Jasão, condutor de povos, 1000  
 engendrou Medeio, que Quíron, o Filirida, criou  
 nas montanhas: cumpriu-se o desígnio do grande Zeus.

Medeia é a heroína da tragédia homônima, de Eurípides, que narra os acontecimentos posteriores à viagem organizada por Jasão. Ainda nos versos iniciais da peça, nos quais a ama de Medeia lamenta o sofrimento de sua senhora (vv.1-8), a viagem dos Argonautas em busca do velocino é evocada. Outros eventos

importantes são citados, como a paixão da filha de Eetes pelo Esonida – cuja descrição ocupa parte do terceiro canto do poema de Apolônio – e a travessia da nau Argo entre as rochas Simplegades que, conforme já dito, também é lembrada no canto XII da *Odisséia*, vv.69-72.

Nos versos 165-167 da tragédia, é a própria Medeia quem lamenta o seu destino. Nestes versos ela lembra o assassinato de seu irmão e o posterior abandono da casa paterna, episódios também relatados por Apolônio:

ὦ πάτερ, ὦ πόλις, ὧν κάσιν αἰσχρῶς  
τόν ἐμὸν κτείνας ἀπενάσθην.  
Ó pai, ó *polis*, dos quais me afastei vergonhosamente,  
após matar meu irmão.

O assassinato de Apsirto é narrado no último canto de *Os Argonautas*. Os versos 410-481 deste canto descrevem, além da idealização e execução do crime pelo Esonida – auxiliado pela filha de Eetes – o cumprimento dos ritos necessários para a expiação da morte.

O auxílio prestado por Medeia ao filho de Esão para a realização das provas no palácio de Eetes, narrado nos dois últimos cantos do poema de Apolônio, é também mencionado pela princesa da Cólquida nos versos 475-485 de Eurípides, nos quais, mais uma vez, ela lamenta o abandono de sua família e terra natal em favor do Esonida:

Ἐκ τῶν δὲ πρώτων πρώτον ἄρξομαι λέγειν ἄ  
ἔσωσά σ', ὡς ἴσασιν Ἑλλήνων ὅσοι  
ταύτῳ συνεισέβησαν Ἀργῶν σκάφος,

475

πεμφθέντα ταύρων πυρπνόων ἐπιστάτην  
 ζεύγλαισι καὶ σπεροῦντα θανάσιμον γύην·  
 δράκοντα θ', ὅς πάγχρυσον ἀμπέχων δέρος 480  
 στείραις ἔσῳζε πολυπλόκοις αὔπνος ὦν,  
 κτείνας ἄνέσχον σοὶ φάος σωτήριον.  
 Αὐτὴ δὲ πατέρα καὶ δόμους προδοῦσ' ἔμοις  
 τὴν Πηλιῶτιν εἰς Ἴωλκὸν ἰκόμην  
 σὺν σοί, πρόθυμος μᾶλλον ἢ σοφωτέρα· 485

Pelo principio começarei a dizer: 475  
 Fui eu quem te salvou, como sabem todos os gregos  
 que embarcaram na mesma nau de Argos,  
 quando tu foste enviado para por o jugo nos touros  
 cuspidores de fogo e para semear o campo mortífero.  
 E o dragão que, rodeando o velocino de ouro, 480  
 enrolado em espirais, o protegia, insone,  
 eu matei, e trouxe para ti a luz salvadora.  
 E fui eu mesma quem, tendo traído o meu pai e minha família,  
 vim do Pélion a Iolcos  
 contigo, com mais ardor que sensatez. 485

Jasão, no entanto, nega a contribuição da mulher, afirmando que a única responsável pelo sucesso de sua empresa foi Cípris; o herói lembra, ainda, o auxílio de Eros, que forçou a princesa a salvá-lo τόξοις ἀφύκτοις, “com arcos inescapáveis” (vv.522-531). Este episódio se relaciona aos versos 275-286 do terceiro canto de *Os Argonautas*, nos quais Eros, a pedido de Afrodite, desperta a paixão de Medeia pelo Esonida, atirando nela uma de suas flechas.



Nos versos 1329-1335 da tragédia euripídiana, ao tomar ciência da morte de seus filhos, é Jasão quem se lastima, mostrando-se arrependido de ter conduzido Medeia a sua pátria. Neste episódio, novamente, o assassinato de Apsirto é evocado:

ὄλοι· Εγὼ δὲ νῦν φρονῶ τότ' οὐ φρονῶν,  
ὅτ' ἐκ δόμων σε βαρβάρου τ' ἀπὸ χθονὸς 1330  
Ἑλλην' ἐς οἶκον ἠγόμην, κακὸν μέγα,  
Πατρός τε καὶ γῆς προδότιν ἢ σ' ἐθρέψατο.  
τὸν σὸν δ' ἀλάστορ' εἰς ἔμ' ἔσκησαν θεοί·  
κτανοῦσα γὰρ δὴ σὸν κάσιν παρέστιον  
τὸ καλλί πρῶρον εἰσέβης' Ἀργοῦς σκάφος 1335

Pudesses tu perecer! Eu agora percebo o que antes não percebia,  
quando de uma casa e de uma pátria bárbara, 1330  
te conduzi a um lar grego, grande mal,  
traidora de teu pai e da terra que te nutriu;  
teu espírito de vingança os deuses lançaram contra mim:  
após matar teu irmão, perto de teu lar,  
embarcaste na nau de Argo, de bela proa. 1335

O texto de Apolônio dialoga, também, com o epinício pindárico. A *IV Pítica*, dedicada a Arcesilas de Cirene, rei vencedor da corrida de carros, é, provavelmente, o antecedente mais importante de Apolônio de Rodes.

A ode, composta por treze tríades, tem como tema mítico a viagem dos Argonautas. Nela, encontram-se referências a episódios importantes da viagem,

como a famosa travessia de Argo entre as rochas Simplégades e as provas executadas por Jasão pela conquista do velocino. Além disso, Píndaro apresenta antecedentes não mencionados, ou pouco desenvolvidos, na narrativa de Apolônio, como a usurpação do trono de Esão por Pélias.

É a partir da quarta tríade que a saga argonáutica passa a ser propriamente descrita. O relato tem início com o anúncio do oráculo conhecido por Pélias, segundo o qual o rei deveria resguardar-se do homem que fosse visto calçado com uma só sandália. O episódio, também brevemente narrado em *Os Argonautas*, de Apolônio de Rodes (vv. 5-17), é apresentado em Píndaro em maiores detalhes: o poeta narra o encontro do filho de Esão e Pélias e o diálogo estabelecido entre eles (vv.69-111), através do qual o Esonida revela a intenção de reclamar o trono usurpado de seu pai, fato omitido pelo poeta de Rodes:

105            (...) ἰκόμαν  
                 οἴκαδ' , ἀρχαίαν κομίζων  
                 πατρός ἐμοῦ, βασιλευομένην  
                 οὐ κατ' αἴσαν, τάν ποτε Ζεὺς  
                 ὄπασεν λαγέτα  
                 Αἰόλω καὶ παισὶ τιμάν.

105            (...) cheguei  
                 a minha casa para recobrar a antiga  
                 dignidade real de meu pai, não exercida  
                 como convém, a qual, um dia, Zeus  
                 concedeu a Eólo,  
                 chefe de povos, e a seus filhos.

A partir do verso 138, Píndaro reproduz o acordo firmado entre Jasão e Pélias. Jasão, acompanhado de parentes, parte para o palácio de Pélias e lá reivindica o que lhe é devido:

ἀλλὰ καὶ σκᾶπτρον μόναρχον  
καὶ θρόνος, ᾧ ποτε Κρηθεΐδας  
ἐγκαθίζων ἰππόταις εὖ-  
θυνε λαοῖς δίκας –  
τὰ μὲν ἄνευ ξυνᾶς ἀνίας

155 λῦσον ἄμμιν, μή τι νεώτερον ἐξ αὐ-  
τῶν ἀναστάη κακόν.

Mas o cetro soberano  
e o trono, sobre o qual, um dia, assentava  
o filho de Creteu, e trazia justiça  
aos povos cavaleiros,  
sem sofrimento comum entre nós,

155 entrega-os a mim, para que deles não surja  
algum mal mais recente.

Pélias promete entregar o trono e o cetro real. No entanto, para que a promessa fosse cumprida, o Esonida deveria organizar uma expedição e trazer da Cólquida a pele de ouro que havia salvado Frixo dos golpes de sua madrasta:

- 165            Τοῦτον ἄεθλον τέλεισον· καί τοι μοναρχεῖν  
                  Καί βασιλευμένον ὄμνυ-  
                  μι προήσειν. Καρτερός  
                  ὄρκος ἄμμιν μάρτυς ἔστω  
                  Ζεὺς ὁ γενέθλιος ἀμφοτέροις.
- 165            Esta prova cumpre, de bom grado, e eu juro  
                  entregar-te o governo soberano e  
                  a realeza. Firme Juramento! Que nos  
                  seja testemunha Zeus,  
                  nosso ancestral comum.

Firmado o acordo entre o rei e Jasão, este envia mensageiros para anunciar a expedição. A partir do verso 170, na oitava tríade do poema, Píndaro enumera os heróis que atenderam ao chamado do filho de Esão: os três filhos de Zeus – Hércules, Castor e Polideuces –, Eufemo, Periclímene, Orfeu, Éritos, Equion, Zetes, Calais e o adivinho Mopso. Em Apolônio, o catálogo de heróis, conforme já dito, ocupa duzentos e onze versos, e enumera cinquenta e quatro heróis, diferente de Píndaro, que cita apenas onze deles. Note-se que a diferença entre as duas listas não se limita apenas a um número reduzido de homens enumerados por Píndaro. Apolônio oferece um relato mais detalhado: cita a ascendência de cada guerreiro – por vezes recuando a várias gerações, como na descrição da genealogia de Nauplio (vv.133-138) –, acrescenta, em alguns casos, relatos sobre façanhas importantes atribuídas ao herói ou a algum antepassado seu, informações a respeito da geografia de sua terra natal, sobre o motivo da participação na expedição, ou, até mesmo, antecipa o destino estabelecido para cada um, como, por exemplo, ao anunciar que Cantos e Mopso haveriam de morrer na Líbia (vv.77-85).

Após o catálogo, Píndaro narra o início da viagem, citando, na décima tríade, a famosa travessia dos Argonautas pelas rochas Simplégades, única aventura mencionada pelo poeta, antes da chegada a Cólquida.

Na mesma ode, vv. 216-230, a paixão de Medeia pelo Esonida, suscitada por Afrodite, é evocada. Há referências, também, ao auxílio prestado pela princesa da Cólquida ao herói para realização das provas – episódio narrado no terceiro canto da obra de Apolônio – e à promessa de casamento entre os dois:

220           Καὶ τάχα πείρατ' ἀέθλων  
                  δείκνυεν πατρῶϊων·  
                  σὺν δ' ἑλαίῳ φαρμακώσαισ'  
                  ἀντίνομα στερεᾶν ὀδυνᾶν  
                  δῶκε χρίεσθαι. Καταΐνη –  
                  σάν τε κοινὸν γάμον  
                  γλυκὺν ἐν ἀλλάλοισι μείξαν.  
220           E, prontamente, ela lhe mostrou  
                  o cumprimento das provas de seu pai:  
                  tendo preparado com azeite  
                  um antídoto para as dores mais cruéis,  
                  entregou-lhe para que se ungesse. E prometeram  
                  unir-se um ao outro  
                  em doce casamento.

Nos versos seguintes, Píndaro narra a vitória de Jasão sobre os touros cuspidores de fogo e a conquista do velocino; no epodo da décima primeira tríade e na estrofe da décima segunda, o poeta resume em poucas linhas um episódio importante da viagem dos Argonautas: o encontro com as mulheres de Lemnos,

que, aqui é narrado como um acontecimento ocorrido durante a viagem de volta a Tessália, ao contrario de Apolônio (I, vv.607-914) que o situa na viagem de ida:

251 ἔν τ' Ὠκεανοῦ πελάγεσσι μίγεν πόντῳ τ' ἔρυθρῳ  
Λαμνιάν τ' ἔθνει γυναικῶν ἀνδροφόνων·  
ἔνθα καὶ γυίων ἀέθλοισι ἐπέδει-  
ξαντο ἴν ἐσθᾶτος ἀμφις,

καὶ συνεύνασθεν...

251 Embrenharam-se nas águas do Oceano e no Mar Vermelho,  
e na terra das mulheres de Lemnos, matadoras de homens.  
Ali provaram seus membros nos jogos,  
cujo prêmio era um vestido,

e uniram-se a elas...

Da união entre uma lemniense e Eufemo nasce Leucofano, que dá origem à dinastia de Cirene (vv.252-262). Nestes versos, o poeta finaliza o relato sobre as aventuras dos Argonautas e passa a enaltecer a descendência de Eufemo, alcançando, assim, o objetivo de seu canto.

Também no período alexandrino notam-se relatos de episódios inseridos no périplo dos Argonautas descrito por Apolônio. Os Idílios XIII e XXII de Teócrito constituem bons exemplos desta intertextualidade. O primeiro, intitulado de *Hilas*, narra o episódio igualmente relatado por Apolônio de Rodes no primeiro canto de *Os Argonautas*, nos versos 1207-1272: o desaparecimento do companheiro de Hércules, raptado pelas Ninfas, e o desespero do filho de Alcmena à procura do

herói. Nos versos iniciais do idílio XIII (vv.16-24), encontram-se referências à expedição em busca do velocino e à famosa travessia da nau Argo entre as rochas Cianéias:

Ἄλλ' ὅτε τὸ χρύσειον ἔπλει μετὰ κῶας Ἰάσων  
Αἰσονίδας, οἱ δ' αὐτῷ ἀριστῆες συνέποντο  
πασῶν ἐκ πολίων προλελεγμένοι ὧν ὄφελός τι,  
ἵκετο χῶ ταλαεργὸς ἀνὴρ ἐς ἀφνειὸν Ἴωλκόν,  
Ἄλκμήνας υἱὸς Μιδεάτιδος ἠρωΐνας, 20  
σὺν δ' αὐτῷ κατέβαινε Ὑλας εὐέδρον ἐπ' Ἀργῶ,  
ἅτις κυανεῶν οὐχ ἄψατο συνδρομάδων ναῦς,  
ἀλλὰ διεισαῖξεν (ἀφ' οὗ τότε χοιράδες ἔσταν)  
αἰετὸς ὧς μέγα λαῖτμα, βαθὺν δ' εἰσέδραμε Φᾶσιν.

Mas quando Jasão, o Esonida, navegava em busca do velocino de ouro, e os melhores o seguiam, escolhidos de todas as cidades, chegou também à rica Iolcos o homem infatigável, filho da heroína Alcmena de Midéia, e, com ele, 20 Hilas descia até Argo, provida de belos bancos, a nau que não tocou as Cianéias, que se chocam, mas atravessou como uma águia o grande golfo, (por causa disso, os recifes se fixaram), e lançou-se no profundo Phasis.

O idílio XXII recebe o título de *Dióscuros* e celebra as façanhas dos filhos de Leda e Zeus, Castor e Polideuces, no país dos Bebrícios. A primeira parte do poema dedica-se à narrativa do combate entre Âmico, rei dos Bebrícios, e Polideuces, que

se dá logo após a passagem dos Argonautas pelas rochas Cianéias. A luta entre Polideuces e o rei – caracterizado tanto por Teócrito, quanto por Apolônio como um homem soberbo e que não respeita os rituais de hospitalidade – termina em um acordo, pelo qual o rei é poupado da morte, mediante a promessa de não mais importunar os estrangeiros que abarcassem suas terras. Apolônio de Rodes relata o episódio nos 158 primeiros versos do segundo canto de *Os Argonautas*. No entanto, ao contrário de Teócrito, situa o combate pugilístico antes da travessia das rochas moventes e finaliza a disputa com a morte de Âmico por Polideuces, a qual se segue uma violenta batalha entre os Argonautas e os Bebrícios.

A influência da literatura arcaica e clássica sobre a obra de Apolônio não se limita, porém, à coincidência de temas. O autor emprega diversos recursos literários já utilizados por seus predecessores, dentre os quais se destaca Homero.

Conforme observa Richard Hunter (2001, p.93), os versos iniciais de *Os Argonautas* nos informam mais sobre o gênero da poesia de Apolônio do que sobre o seu tema, uma vez que o autor se propõe a cantar παλαιγενέων κλέα φωτῶν, “os feitos gloriosos dos homens antigos” (I, 1-2), inserindo sua obra no gênero mais remoto da poesia grega, o épico. Assim como na poesia homérica, o narrador conta, em versos hexamétricos, uma história temporalmente situada em um passado longínquo e, para tanto, emprega recursos tradicionais, como a invocação às Musas, a apresentação de um catálogo de heróis, as descrições de lugares e objetos, o emprego de símiles, a representação de cenas de sacrifícios aos deuses, de despedidas, de reunião de heróis, e uma série alternada de discursos de personagens.

Hunter adverte, no entanto, que existe certo distanciamento entre o modelo épico empregado por Homero – no qual a narração é um ato de memória e repetição – e o modelo de Apolônio, caracterizado por uma maior liberdade. Um bom exemplo desse distanciamento pode ser observado através do relacionamento estabelecido entre o narrador e a Musa: enquanto o narrador da *Ilíada*, por exemplo,



relata sua história baseando-se apenas no que a Musa lhe conta, no período helenístico, o poeta demonstra uma maior responsabilidade por aquilo que narra e uma maior liberdade de escolha.

D.P. Nelis (2005, p.356) nota, ao longo da narrativa de *Os Argonautas*, diversos padrões de relacionamento entre o narrador e as Musas: Diferentemente da poesia homérica, as filhas de Mnemosine não são invocadas nos versos de abertura do poema de Apolônio. Somente no final do prólogo (I, 22) são mencionadas pela primeira vez, quando o poeta solicita que sejam *hypophétores* de seu canto, termo de difícil tradução, cujo significado oscila entre “produtoras” e “intérpretes”. No início do terceiro canto, Érato é convidada a colocar-se ao lado do narrador e contar-lhe como Jasão, com a ajuda do amor de Medeia, conquistou o velocino:

Εἰ δ' ἄγε νῦν, Ἐρατώ, παρά θ' ἴστασο, καί μοι ἔνισπε,  
ἔνθεν ὅπως ἐς Ἴωλκὸν ἀνήγαγε κῶας Ἰήσων  
Μηδείης ὑπ' ἔρωτι...  
Vem, agora, Érato, coloca-te ao meu lado e conta-me,  
então, como Jasão levou para Iolcos o velocino,  
graças ao amor de Medeia...

No canto seguinte, a Musa é novamente invocada, mas, nesta ocasião o narrador declara sua incapacidade em continuar o relato, transferindo para a divindade a total responsabilidade sobre a narrativa (IV, 1-2):

Αὐτὴ νῦν κάματόν γε, θεά, καὶ δήνεα κούρης  
Κολχίδος ἔννεπε, Μοῦσα, Διὸς τέκος...  
Tu mesma, agora, deusa, o sofrimento e os planos da jovem

da Cólquida conta, Musa, filha de Zeus...

O mesmo acontece nos versos 1381- 1382 do canto IV, quando o narrador se declara intérprete das Piérides:

Μουσάων ὄδε μῦθος ἐγὼ δ' ὑπακουὸς αἰίδω  
Πιερίδων, καὶ τήνδε πανατρεκὲς ἔκλυον ὁμφήν...  
Aqui o relato das Musas eu, intérprete das Piérides,  
canto, e esta voz divina, com toda certeza, escutei.

Note-se que esta invocação antecede o relato do episódio no qual os Argonautas, desprovidos de água e alimentos, carregam nos ombros a nau Argo, durante doze dias inteiros, caminhando pelas dunas da Líbia, e parece corresponder ao desejo do narrador de esquivar-se da responsabilidade por uma narrativa com traços de inverossímil.

Como pôde ser observado nos exemplos acima, o padrão único de relacionamento observado em Homero, segundo o qual o aedo se declara um porta-voz da sabedoria divina, é substituído em Apolônio por uma variedade de padrões, que vai desde a inicial ausência da Musa até a declaração de total dependência de seu conhecimento. Assim, Apolônio estabelece, com seus predecessores, ao mesmo tempo, uma relação de dependência e desvio. Através da tensão entre tradição e inovação, cria uma literatura familiar com tendências inovadoras, como afirma Bernd Effe (2001, p. 147), uma poesia feita de literatura, guiada pelo princípio da intertextualidade.

## Bibliografia

APOLLONIOS DE RHODES. *Argonautiques*, Texte établi et commenté par Francis Vian et traduit par Émile Delage. Paris: Les Belles Lettres, 1976.

APOLONIO DE RODAS. *Las Argonáuticas*. Ed. Manuel Pérez Lopes. Madrid: Ediciones Akal, 1991.

BAILLY, Anatole. *Dictionnaire grec-français*. Ed. ver. par 1. Sechan et Pierre Chantraine. Paris, Hachette, 1950.

BUCOLIQUES GRECS. Théocrite. t.I. 8 ème ed. Texte établi et traduit par Ph. – E. Legrand. Paris: Les Belles Lettres, 2001.

EFFE, Bernd. The Similes of Apollonius Rhodius. Intertextuality and Epic Innovation. In: PAPANAGHELIS; RENGAKOS (eds.). *A companion to Apollonius Rhodius*. Leiden: Brill, 2001. pp. 147-170.

EURIPIDE. *Médée*. Texte établi et traduit par Loius Méridier. Paris: Les Belles Lettres, 1947.

HESIOD, *Theogony*. Edited with Prolegomena and Commentary by M.L. West. Oxford, Clarendon Press, 1966.

HESIODE, *Théogonie*. Texte établi et traduit par Paul Mazon. Paris, Belles Lettres, 1972. Pp.32-68.

HESÍODO, *Teogonia*. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo, Iluminuras, 2003.

HOMERE. *Iliade*. Texte établi et traduit par Paul Mazon. 4 ed. Paris, Belles Lettres, 1957. 4v.

\_\_\_\_\_. Hymnes. Texte établi et traduit par Jean Humbert. 7 ed. Paris, Belles Lettres, 1997. 4v.

HOMERI OPERA. Tomus III, Odysseae libros I-XII. Tomus IV, Odysseae libros XIII-XXIV. Oxford, Clarendon Press, 2000.

HOMERO, *Ilíada*. Tradução: Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

\_\_\_\_\_. *Odisséia*. Tradução: Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

HUNTER, Richard. The Poetics of Narrative in the *Argonautica*. In: PAPANGHELIS; RENGAKOS (eds.). *A companion to Apollonius Rhodius*. Leiden: Brill, 2001. pp. 93-126.

NELIS, D.P. Apollonius of Rhodes. In: FOLEY, John Miles (ed.). *A companion to Ancient Epic*. Blackwell Publishing, 2005.

PINDARE. *Pytiques*. Texte établi et traduit par Aimé Puech. Paris: Les Belles Lettres, 1966.

PÍNDARO, *Odas Triunfales*. Introducción, traducción y notas de José Alsina. Barcelona: Editorial Planeta, 1990.



Recebido em Março de 2010  
Aprovado em Abril de 2010